

**Espaço aberto**

# Ingovernabilidade ou incapacidade para governar?

PÉRICLES DA CUNHA

*Finalmente o presidente Sarney utilizou toda a sua potencialidade na atual conjuntura política para facilitar os trabalhos da Constituinte; compreendeu que poderia usar os seus altos índices de impopularidade e rejeição na sociedade brasileira para unir os constituintes em torno de Ulysses Guimarães, na bela demonstração a que assistimos na televisão, que contrastou com a sua clamoração da véspera.*

*Enquanto víamos na televisão um Ulysses Guimarães defender os trabalhos constituintes, cercado da grande maioria dos representantes eleitos pelo voto popular, comparávamos com a véspera, quando um José Sarney não conseguia esconder, no discurso cuidadosamente produzido, a sua mediocridade e a total falta de preparo para o cargo que exerce por obra de um acidente histórico até hoje lamentado pelo povo brasileiro.*

*As constantes declarações do presidente Sarney e de seus ministros, de que o País ficará ingovernável com a nova Constituição, revelam com toda a nitidez a visão obtusa e mediocre do seu governo. Governar, para Sarney e seus ministros, significa recursos na mão para conseguir votos e distribuir verbas generosas a amigos e correligionários. Poder significa fazer um prefeito ir a Brasília mendigar verbas para comprar uma ambulância ou reformar uma escola.*

*Não podemos nos esquecer de que um dos grandes responsáveis, senão o maior, pelos caminhos tomados pela Constituinte chama-se José Sarney, que teve como preocupação única preservar o seu mandato presidencialista de cinco anos. Comprou votos, aliciou, ameaçou para conseguir ficar no poder por mais um ano, não se preocupando com algumas deliberações tomadas na Constituinte com a decisiva participação de seus aliados que votaram irresponsavelmente artigos demagógicos e sabidamente inviáveis, como a reparar junto ao eleitorado o crime (bem recompenhado) cometido de votarem a favor dos cinco anos contra a vontade da imensa maioria da população. Será que Sarney não entendeu que basta se declarar favorável a certa idéia que, mesmo sendo boa, a opinião pública fica contra, por simples rejeição à sua pessoa? Será que não entendeu ainda que o Brasil mudou, que o Brasil é bem maior que o seu Maranhão, que não existe mais o AI-5 e que não nos assusta mais com suas previsões apocalípticas de golpes e estados de ingovernabilidade?*

*Ingovernabilidade temos hoje com um presidente vacilante que não tem coragem de tomar as medidas saneadoras do déficit público, temendo o impacto na sua popularidade e nos seus conchavos políticos. Sinal de ingovernabilidade é a vacilação em publicar o decreto que impede o repicção no cálculo dos proventos dos magistrados,*

*que tomou sumiço no Palácio do Planalto e que, apesar de denunciado na imprensa, continua desaparecido sem que fossem apurados os motivos, mas que todo mundo sabe é o temor de uma reação do Judiciário. Ingovernabilidade é o presidente abrir uma guerra contra os senadores que apuraram atos de corrupção no governo e não dar satisfação, não aos senadores, mas ao povo, das formais acusações de crimes de responsabilidade que lhe foram impu-tadas; em vez da satisfação pública, acusações de terrorismo e covardes alusões de dossiês contra senadores, deixando clara a "visão democrática" do seu governo do "deixem que falem o que quiserem, não se dá satisfação". Ingovernabilidade é esta inflação que corrói dia a dia o salário sem uma providência séria de parte do governo.*

*A reação do Planalto à reforma tributária é compreensível, pois, a partir da nova Constituição, pelo menos a verba chegará integralmente ao seu destino — não digo ao seu objetivo —, enquanto agora é substancialmente drenada pela corrupção e clientelismo, chegando pela metade ao seu destino, no município, conforme constata o relatório do Banco Mundial cujos indicadores mostram que o "Tudo pelo social" do presidente Sarney não passa de retórica de um político provinciano e ultrapassado que não consegue enxergar além dos limites do seu Maranhão.*

Péricles da Cunha é tenente-coronel R1 e empresário.